Os rumos do dólar

José Guilherme Vieira

Há dois anos, escrevendo um artigo que falava sobre a impossibilidade da substituição do dólar pelo euro como reserva de valor internacional, sustentei aqui, nesse espaço, que o euro ainda não estava maduro o suficiente para assumir o papel de liquidez internacional.

Na ocasião, sequer sabia da fragilidade das contas públicas dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha – do inglês, Spain) que agora sabemos estarem super-endividados . Minha opinião residia apenas no fato de que seria impossível que a China, país com as maiores reservas internacionais em dólar no mundo, permitisse a deterioração de seus ativos pacificamente.

Hoje, mais fatores se somam àquela análise. O problema dos PIIGS reside no fato de que esses países não terem a menor condição de saírem da situação em que se encontram sem se aprofundar ainda mais na crise. A solução ortodoxa para o trauma do endividamento passa por um corte de gastos jamais experimentado por esses países que não encontra apoio na classe trabalhadora. A Grécia anunciou corte em salários e previdência a fim de gerar superávits que permitam o cumprimento das obrigações do tesouro (pagamento de juros de dívida) e a população respondeu com uma greve geral.

Se a solução for adotada e efetivamente cumprida pela Grécia e pelos demais países do grupo europeu, fica difícil fugir do cenário de recessão dessas economias. A fraqueza das economias européias só poderia ser efetivamente revertida se os países do bloco como um todo aceitassem uma desvalorização do Euro para tornar possível um grande programa de ajuda aos PIIGS com a emissão de euros. Esse cenário, todavia, deve ser descartado pelo pavor que a Alemanha – país mais forte do pacto europeu – tem do retorno da inflação. Assim, a recessão parece ser inevitável.

A sombra da hipótese de desvalorização, contudo, já vem levando a uma fuga de investimentos em direção aos EUA. Se a economia americana ainda é fraca, pelo menos as expectativas com relação às políticas econômicas ali já apontam numa outra direção. A tênue recuperação da economia americana já estimula o Federal reserve a retirar parte dos estímulos à economia (dinheiro para bancos e crédito barato para empresas) e há sinalizações de aumento da taxa de juros. Tudo isso junto leva a um cenário de fortalecimento do dólar no mercado internacional. Assim sendo, é bastante plausível que se verifique uma valorização do dólar frente a outras moedas no decorrer desse ano.

No Brasil, os riscos associados a um ano de eleições também corroboram esse cenário (ainda que nem se aproxime do cenário das eleições de 2002 quando o dólar bateu a marca dos R$ 4,00. Fala-se em algo em torno da metade agora – isto é, R$ 2,00. Mesmo assim, esse cenário não se sustenta para muito além de 2010. Os investimentos estrangeiros em fusões e aquisições, os aportes financeiros que visam a copa do mundo e as olimpíadas levam a crer que no longo prazo, o cenário se mostre favorável para uma valorização do real frente ao dólar.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.